

Mobilidade Pendular Vinculada à Educação Superior na Cidade de Montes Claros-MG

Commuting Mobility Linked to Higher Education in the City of Montes Claros-MG

Desplazamientos Vinculados a la Enseñanza Superior en la Ciudad de Montes Claros-MG

Nalanda Cecília Silva Vasconcelos¹

Vívian Mendes Hermano²

Ricardo Henrique Palhares³

RESUMO: A mobilidade pendular refere-se ao deslocamento regular entre residências e locais de estudo ou trabalho, sendo fundamental para compreender as dinâmicas socioespaciais contemporâneas. Em Montes Claros, Minas Gerais, esse fenômeno se destaca especialmente no acesso à educação superior. A mobilidade urbana revela-se um fator decisivo para a permanência estudantil, influenciando diretamente o planejamento das instituições de ensino superior e a elaboração de políticas públicas sensíveis às especificidades regionais. Este estudo busca analisar os padrões de deslocamento dos estudantes universitários na cidade, além de identificar os principais desafios enfrentados. A metodologia combinou revisão bibliográfica e entrevistas, com abordagens quantitativas e qualitativas. Identificaram-se três padrões distintos de mobilidade: na UNIMONTES, predomina a mobilidade diária; na UFMG, observa-se uma mobilidade temporária de média duração; e, na FUNORTE, uma mobilidade temporária de curta duração, caracterizada por retornos mensais ou quinzenais. Cada instituição reflete diferentes dinâmicas e necessidades dos estudantes, evidenciando o papel da universidade no território e sua capacidade de atração regional. A diversidade de perfis e trajetórias de mobilidade destaca a complexidade do fenômeno e reforça a importância de políticas públicas voltadas à acessibilidade e à permanência estudantil no ensino superior.

PALAVRAS-CHAVES: mobilidade pendular; educação superior; Montes Claros-MG.

¹ Mestranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). E-mail: vasconcelosnalanda00@gmail.com.

² Professora do Departamento de Geociências da UNIMONTES. Doutora em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais-PUCMG. E-mail: hermanovivian@gmail.com.

³ Professor do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGEO, da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. Doutor em Geografia - PPGTIE/ PUC Minas. E-mail: ricardo.palhares@unimontes.br.

ABSTRACT: *Commuting refers to the regular movement between homes and places of study or work, and is essential for understanding contemporary socio-spatial dynamics. In Montes Claros, Minas Gerais, this phenomenon is particularly prominent in access to higher education. Urban mobility is a decisive factor for student retention, directly influencing the planning of higher education institutions and the development of public policies that are sensitive to regional specificities. This study seeks to analyze the commuting patterns of university students in the city, in addition to identifying the main challenges they face. The methodology combined a literature review and interviews, with quantitative and qualitative approaches. Three distinct mobility patterns were identified: at UNIMONTES, daily mobility predominates; at UFMG, temporary mobility of medium duration is observed; and, at FUNORTE, temporary mobility of short duration, characterized by monthly or biweekly returns. Each institution reflects different dynamics and needs of students, highlighting the role of the university in the territory and its capacity to attract students from the region. The diversity of mobility profiles and trajectories highlights the complexity of the phenomenon and reinforces the importance of public policies aimed at accessibility and student retention in higher education.*

KEYWORDS: *commuting mobility; higher education; Montes Claros-MG.*

RESUMEN: *La movilidad laboral se refiere a los viajes regulares entre los hogares y los lugares de estudio o trabajo, y es fundamental para comprender la dinámica socioespacial contemporánea. En Montes Claros, Minas Gerais, este fenómeno se destaca especialmente en el acceso a la educación superior. La movilidad urbana resulta ser un factor decisivo para la retención estudiantil, influyendo directamente en la planificación de las instituciones de educación superior y en el desarrollo de políticas públicas sensibles a las especificidades regionales. Este estudio busca analizar los patrones de desplazamiento de los estudiantes universitarios en la ciudad, además de identificar los principales desafíos que enfrentan. La metodología combinó revisión bibliográfica y entrevistas, con enfoques cuantitativos y cualitativos. Se identificaron tres patrones distintos de movilidad: en la UNIMONTES predomina la movilidad diaria; En la UFMG existe movilidad temporal de duración media; y, en FUNORTE, movilidad temporal de corto plazo, caracterizada por retornos mensuales o quincenales. Cada institución refleja diferentes dinámicas y necesidades estudiantiles, resaltando el papel de la universidad en el territorio y su capacidad de atracción regional. La diversidad de perfiles y trayectorias de movilidad resalta la complejidad del fenómeno y refuerza la importancia de las políticas públicas orientadas a la accesibilidad y retención de estudiantes en la educación superior.*

PALABRAS-CLAVE: *movilidad pendular; enseñanza superior; Montes Claros-MG.*

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, a mobilidade pendular está intrinsecamente ligada aos sistemas de transporte e à configuração urbana das cidades. O estudo dessa mobilidade é fundamental para entender as dinâmicas regionais, permitindo a formulação de políticas públicas que atendam às demandas da população e das cidades envolvidas. Montes Claros, em Minas Gerais, se destaca como um importante centro regional, atraindo um grande número de pessoas que se deslocam diariamente para realizar diversas atividades, especialmente em busca de serviços de saúde.

Montes Claros se firmou como um polo econômico, político, cultural e social no Norte de Minas, com uma infraestrutura de saúde robusta que atende tanto a emergências quanto a situações de menor complexidade. A cidade, beneficiada por incentivos fiscais da

Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), passou por transformações econômicas que impulsionaram a urbanização e a mobilidade populacional, resultando em um fluxo migratório significativo. Essa dinâmica tem contribuído para o crescimento da cidade como um centro urbano relevante na região.

A centralidade desta cidade se destaca nos serviços de saúde e educação superior, que acarretam um movimento diário de pessoas, causando impactos na dinâmica urbana local, como principal polo regional de serviços especializados. Evidencia-se a importância desse deslocamento para tratamentos de saúde e ensino, em geral realizados apenas em médios e grandes centros, o que leva à conclusão de que a mobilidade pendular assegura o acesso a bens e serviços à população do interior.

O objetivo principal do estudo é analisar os deslocamentos pendulares relacionados à educação superior em Montes Claros-MG. Além disso, busca-se compreender os diferentes alcances das instituições de ensino e identificar os padrões de deslocamento dos estudantes, bem como os desafios enfrentados por eles. Essa análise é crucial para entender como a mobilidade educacional impacta a vida dos estudantes e a estrutura da cidade.

METODOLOGIA

Em determinados estudos, como esta pesquisa, a integração de abordagens quantitativas e qualitativas de pesquisa é viável, possibilitando uma análise abrangente e multifacetada do fenômeno em análise. Essa combinação proporciona uma investigação estrutural por meio de métodos quantitativos e uma apreensão processual mediante abordagens qualitativas (Schneider; Fujii; Corazza, 2017).

O método utilizado é quali-quantitativo, com delineamento descritivo e exploratório, adequado para pesquisas que buscam compreender fenômenos ainda pouco investigados ou com múltiplas dimensões. Conforme Gil (2002), essa abordagem promove maior proximidade com o tema. A integração de abordagens quantitativas e qualitativas mostrou-se adequada para uma análise abrangente e multifacetada do fenômeno investigado, permitindo o cruzamento entre dados objetivos e subjetivos. O método quantitativo pautou-se na aplicação de medidas numéricas e técnicas estatísticas para explorar fenômenos. O método qualitativo estruturou a compreensão mais profunda de contextos, significados e experiências humanas, utilizando-se de observações e entrevistas com análises de conteúdo.

Na aplicação das entrevistas, a técnica de coleta de dados utilizada foi *survey* (pesquisa ampla), de custo razoável, que apresenta as mesmas questões para todas as pessoas, garantindo o anonimato, contendo questões que atendam às finalidades específicas da pesquisa. “Aplicada criteriosamente, esta técnica apresenta elevada confiabilidade” (Barbosa, 1998, p. 1).

As entrevistas foram realizadas com 22 acadêmicos que participam da mobilidade e 15 motoristas encarregados do transporte, nos anos de 2022 e 2023, sendo 10 entrevistas realizadas na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), oito na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e quatro nas Faculdades Unidas do Norte de Minas (FUNORTE). Foram abordadas questões relativas às dificuldades enfrentadas nos deslocamentos, ao tempo de trajeto, ao cansaço físico, aos gastos financeiros e à conciliação com as atividades acadêmicas.

A justificativa para a quantidade de entrevistados baseia-se no princípio da saturação teórica: à medida que as respostas começaram a se repetir e apresentar padrões semelhantes, observou-se que novos participantes não estavam trazendo informações significativamente novas, o que indicou um ponto de equilíbrio amostral. Esta estratégia é reconhecida em estudos qualitativos como critério válido para definição do número de entrevistados (Minayo, 2012).

Em seguida, foram realizadas 15 entrevistas com motoristas responsáveis pelo transporte dos acadêmicos. Esses condutores, oriundos de diversos municípios, compartilharam suas experiências e desafios no desempenho de suas funções, contribuindo para uma compreensão mais ampla da mobilidade pendular na região.

Para sistematizar e analisar os dados, as entrevistas foram categorizadas e os percentuais calculados em relação ao total de respondentes. As informações coletadas foram tratadas com rigor ético e confidencialidade, assegurando o anonimato dos participantes. Paralelamente, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre mobilidade pendular, urbanização e ensino superior no Norte de Minas, que subsidiou a análise teórica. O aprofundamento teórico foi essencial para a execução do estudo, permitindo uma melhor compreensão do contexto abordado.

Além disso, técnicas de geoprocessamento foram empregadas no software QGIS, versão 3.22, para criar um mapa de fluxo com base nos questionários aplicados. Essa abordagem visual facilitou a análise e interpretação dos dados, contribuindo para uma compreensão mais abrangente dos fenômenos estudados.

Este artigo resulta das atividades desenvolvidas no âmbito da Iniciação Científica Voluntária e do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), vinculados ao projeto “Movimentos Popacionais no Norte de Minas”, aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES.

DINÂMICAS DA MOBILIDADE PENDULAR E SEUS REFLEXOS NAS CIDADES

A mobilidade pendular, caracterizada pelo deslocamento regular entre residências e locais de estudo ou trabalho, é crucial na compreensão das dinâmicas socioespaciais contemporâneas. Na educação, o tema tem despertado cada vez mais interesse, especialmente diante das transformações socioeconômicas e espaciais observadas nas últimas décadas no Brasil.

Ao realizar estudos sobre a temática mobilidade pendular e a dispersão espacial da população, pelo menos desde os anos de 1980 o processo de desconcentração da população e das atividades econômicas no Brasil tem atraído a atenção (Lobo, 2016).

Autoria de pensadores como Milton Santos, Manuel Castells e David Harvey oferece uma reflexão mais ampla sobre a mobilidade pendular, que vai além do simples deslocamento diário. Eles abordam a mobilidade como parte do processo de urbanização global, influenciado por dinâmicas de poder, fluxos econômicos e desigualdades espaciais, temas essenciais para entender a geografia das cidades e os movimentos populacionais.

Para Castells (1999), a mobilidade pendular se insere dentro de um fenômeno mais amplo de fragmentação urbana e redes globais de cidades, nas quais as cidades centrais e periféricas se interconectam de maneira desigual, criando novas dinâmicas de exclusão e inclusão social. Na perspectiva de Harvey (2012), a mobilidade pendular está diretamente relacionada às formas de reestruturação do espaço urbano que se intensificam com a globalização e as desigualdades sociais e econômicas, que fazem com que a cidade se torne um campo de disputa entre diferentes formas de poder e acesso a recursos.

Estudiosos cogitam expressões como *desmetropolização* e *dispersão espacial* para descrever o declínio do crescimento populacional em diversos centros metropolitanos do país, uma tendência globalmente observada desde a década de 1980, quando as cidades médias e pequenas começaram a ser mais atrativas para as populações que não encontravam mais alternativas de trabalho e habitação nas grandes metrópoles. Esse fenômeno está relacionado ao processo de descentralização das atividades econômicas, promovido por políticas públicas de estímulo ao interior do país, que começaram a se consolidar no Brasil durante o período da redemocratização, com o incentivo ao desenvolvimento regional e a redução das disparidades entre as regiões.

Por isso, à medida que as oportunidades de emprego e estudos começam a se expandir para fora da área metropolitana, a população também tende a se redistribuir. “Os fluxos de capital e de trabalho convergem para fora da metrópole central até cidades secundárias que experimentariam taxas relativamente mais rápidas de crescimento econômico e demográfico” (Lobo; Silva; Carvalho, 2016, p. 287).

Esse deslocamento reflete uma reconfiguração das redes urbanas, onde as cidades periféricas ou médias, antes marginalizadas, começam a atrair investimentos e infraestrutura, transformando-se em polos de atração, inclusive para as populações de outras cidades. Castells (1999) também analisa como esses fluxos são intensificados por redes de comunicação e transporte, permitindo que os trabalhadores e estudantes mantenham conexões com as grandes metrópoles, mas com um custo mais baixo de vida e melhor qualidade urbana nas cidades periféricas.

Ao discutir o crescimento dessas metrópoles, Lobo, Silva e Carvalho (2016) reconhecem que o desenvolvimento das áreas no entorno metropolitano, onde reside grande parte da população sem condições de morar nas regiões mais centrais e valorizadas, é uma das causas desse crescimento.

No entanto, a mobilidade pendular também pode ser vista como um reflexo da segregação urbana, onde a periferia se expande, mas ainda assim permanece em um ciclo de exclusão devido à falta de infraestrutura e políticas públicas adequadas. Na visão de Milton Santos (2001), a mobilidade pendular pode ser uma estratégia de sobrevivência, mas também reflete a carência de políticas públicas que possibilitem uma verdadeira integração urbana, ao invés de apenas deslocamentos temporários que não alteram a realidade socioeconômica da população.

Portanto, com um meio de locomoção e uma oferta no mercado imobiliário em áreas mais afastadas e desvalorizadas, a população que utiliza o movimento pendular para suas atividades opta por residir em locais distantes e percorrer maiores distâncias até seu local de trabalho e/ou estudo como estratégia. Porém, é importante considerar que esse movimento também está condicionado a um contexto de desigualdade espacial que permeia a estrutura urbana brasileira, onde o transporte e as infraestruturas das regiões periféricas muitas vezes são inadequados, comprometendo a qualidade de vida dos moradores.

Esse processo de ir e vir reflete a realidade desses municípios, assim como acontece nas grandes cidades, onde as desigualdades sociais e espaciais são evidentes, provocando uma modificação provisória no volume populacional da cidade, aumentando ou diminuindo seu tamanho. As cidades que são os locais de moradias dessa população, frequentemente denominadas de “cidades dormitórios”, apresentam um paradoxo: elas abrigam uma grande quantidade de pessoas que saem para trabalhar ou estudar, mas carecem de infraestrutura, o que resulta em uma paisagem urbana degradante e socialmente fragmentada.

A partir de sua pesquisa, conclui-se que há um importante incremento na mobilidade pendular, envolvendo as regiões metropolitanas brasileiras e os municípios de suas respectivas unidades de federação. Esse crescimento foi predominante nas regiões periféricas metropolitanas, embora também tenha se expandido para municípios distantes que

abrigam populações que realizam o movimento pendular constantemente. Essa expansão é vista como um reflexo da desconcentração do crescimento urbano, mas também como um indicativo da intensificação das desigualdades entre as áreas metropolitanas e suas periferias.

MOBILIDADE PENDULAR PELA EDUCAÇÃO NO BRASIL E MINAS GERAIS

Em relação à região brasileira, a implementação de políticas setoriais, inclusive na educação superior, como algumas normas que foram criadas a partir de 1997, visando políticas públicas educacionais, possibilitou maior inserção de matriculados no ensino superior. No ano de 1999, o Ministério da Educação (MEC) cria o Financiamento Estudantil (FIES), visando financiar parte da mensalidade de estudantes do ensino superior. “O governo Lula da Silva (2003-2010) deu continuidade e aprofundou as reformas universitárias em curso” (Soares; Lobo, 2020, p. 57), favorecendo o aumento do número de contratos de financiamento estudantil.

Além disso, esse mesmo governo fortaleceu o ensino superior privado por meio do Portal Único de Acesso ao Ensino Superior (PROUNI), destacando as políticas educacionais no governo Lula. Logo, o FIES e o PROUNI são responsáveis direto pelo crescimento de matriculados no ensino superior de todo país, assim como no estado de Minas Gerais.

De acordo com Harvey (2005), as formas contemporâneas de produção do espaço urbano estão atreladas à lógica de reprodução do capital, o que aprofunda as desigualdades socioespaciais. Nesse contexto, o acesso a serviços como a educação superior tende a se concentrar em áreas centrais e privilegiadas, contribuindo para a marginalização de populações periféricas.

A massificação do ensino superior, como argumenta Guidoni e Bahls (2024), embora tenha ampliado o acesso ao ensino superior, não foi acompanhada de mudanças estruturais significativas no sistema educacional. Isso resultou na manutenção de desigualdades, especialmente em relação à qualidade do ensino, à permanência estudantil e à inserção no mercado de trabalho. Nesse contexto, o deslocamento diário dos estudantes não reflete apenas a busca por uma formação acadêmica, mas também evidencia as assimetrias regionais na oferta de oportunidades educacionais.

Novas instituições e o crescimento daquelas já existentes promovem e permitem identificar mudanças nas hierarquias e redes urbanas regionais, nos fluxos de mobilidade pendular para fins de estudo e nas áreas de influência dos centros regionais. Avaliar os impactos das políticas educacionais torna-se, dessa forma, relevante ao entendimento dos diferentes níveis de integração regional (Soares; Lobo, 2020, p. 59).

Em sua pesquisa, com base na denominada razão de pendularidade, Lobo, Silva e Carvalho (2016, p. 6) identificaram que “[...] as microrregiões que mostram maior intensidade

nos movimentos pendulares correspondem a um grupo reduzido de regiões mais urbanizadas e industrializadas”. O estudo também identificou maior intensidade nas cidades localizadas na porção central do estado, a exemplo do entorno de Belo Horizonte, Ipatinga e Conselheiro Lafaiete, geralmente vizinhas de outras, com regiões metropolitanas também elevadas.

Ainda segundo Lobo, Silva e Carvalho (2016), há, ainda, várias microrregiões localizadas nas regiões Norte, Jequitinhonha, Leste e parte do Sul de Minas, cujos fluxos pendulares são menos intensos e a oferta rodoviária não é tão restritiva (baixos estoques e o pequeno número de municípios nessas regiões). A divisão Norte e Sul é clara em termos de atração e de intensidade dos movimentos populacionais.

Em relação a Minas Gerais e seus polos sub-regionais, autores como Soares, Lobo e Meneses (2021) destacam o aumento significativo no número de matriculados no ensino superior entre 1991 e 2010, impulsionado pela expansão da rede federal após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Nas cidades que recebem os deslocamentos pendulares, as dinâmicas populacionais e as demandas por políticas públicas podem ser alteradas, afetando o acesso à saúde, educação, trabalho e moradia.

Os autores destacam 22 centros sub-regionais de Minas Gerais, como Alfenas, Campos Gerais e Caratinga, entre outros. Utilizando dados do Censo Demográfico de 2010, foram calculadas a Distância Média Ponderada (DMp) e a Razão da Pendularidade Escolar (RPe) para cada município. Os valores das RPe's foram representados em cartogramas, indicando predominância de fluxos de estudo para valores acima de 1, e de mobilidade de trabalho para valores abaixo de 1 (Soares; Lobo; Meneses, 2021). Os estudiosos afirmam que:

No primeiro nível da hierarquia, todos os centros regionais atraem estudantes de uma ou mais mesorregiões, enquanto, nesse extrato, apenas sete municípios contêm esse mesmo nível de polarização. A identificação de cinco municípios do estado de Minas Gerais que ocupam o primeiro nível hierárquico do movimento pendular, sendo impulsionados pelo ensino superior. Os municípios são: Uberlândia, Juiz de Fora, Uberaba, Viçosa e Montes Claros. Além disso, doze centros possuem ocorrências na faixa que identifica a atração de mais de 200 deslocamentos pendulares (Soares; Lobo, 2020, p. 54).

Com base em pesquisas e observações, foi constatado que mais de 70% dos movimentos pendulares residem na mesma mesorregião, em 14 desses centros sub-regionais. No entanto, é sabido que a presença de universidade federal tende a aumentar a abrangência espacial do fluxo dessa determinada população. Dessa forma, segundo os autores, “[...] dos oito centros regionais que possuíam Universidades Federais em 2010, cinco atraem até 44% dos estudantes de outras regiões, dentre o total de pendulares” (Soares; Lobo; Meneses, 2021, p. 54).

Soares, Lobo e Meneses (2021) ressaltam que existem cinco subcentros que atraem esse contingente de outras mesorregiões, ao contrário do primeiro nível da hierarquia, em que esse tipo de deslocamento ocorre dentro da mesma região do centro regional. Além disso, dos 22 centros sub-regionais, há cinco de menor intensidade da pendularidade, sendo eles: Campos Gerais, Inconfidentes, Machado, Matipó e Nova Porteirinha. Essa última cidade tem uma elevada atração de estudantes de Janaúba, sendo um fator determinante de sua classificação.

Especificamente em relação à cidade em análise, França *et al.* (2009) constataram que Montes Claros-MG desponta como um aparelho de atração populacional, devido a sua infraestrutura, fazendo com que, diariamente, indivíduos de outros municípios se desloquem para esta cidade, em busca de serviços. Esse processo está vinculado à lógica de urbanização desigual do território brasileiro, conforme analisado por Corrêa (1989), em que os centros urbanos mais estruturados concentram funções superiores, enquanto municípios menores permanecem dependentes.

Para esses pesquisadores, esse deslocamento diário, entendido como pendular, estreita a relação que esta cidade tem com os outros municípios norte-mineiros. O estudo demonstrou a centralidade que a cidade média exerce na região do Norte de Minas a partir da análise do setor de educação superior.

É importante salientar que a expansão do ensino superior ocorreu de forma regionalmente diferenciada no estado de Minas Gerais, e que as instituições de ensino superior federais influenciaram nesse crescimento. Todavia, os movimentos pendulares, sua dimensão e detalhamento, em certas regiões ainda não foram devidamente analisados e estudados.

MOBILIDADE PENDULAR PELA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM MONTES CLAROS-MG

Montes Claros, desde a década de 1970, passou por uma significativa transformação econômica e social, transicionando de uma cidade predominantemente agrícola e pecuária para um polo urbano diversificado, caracterizado por um crescimento no setor de serviços, comércio e indústrias. Essa mudança é sintomática de um processo mais amplo de urbanização, que pode ser entendido à luz das análises de autores como Milton Santos. Para Santos (2005), a urbanização brasileira não é apenas uma expansão física das cidades, mas uma reorganização das relações sociais e da estrutura do território, que reflete e reforça as desigualdades sociais e espaciais.

Nesse contexto, Montes Claros se destaca como um centro regional que impacta sua área circundante, não apenas por sua infraestrutura econômica, mas também pelo seu papel de centralidade na educação e nos serviços (França, 2007). A cidade, com sua crescente rede

de serviços urbanos, reflete a “produção do espaço” mencionada por Lefebvre (2006), no qual a cidade é moldada por suas dinâmicas econômicas, políticas e sociais. O crescimento de Montes Claros como um centro urbano é, portanto, um exemplo de como as cidades no Brasil, especialmente as de médio porte, se reconfiguram à medida que ampliam suas funções regionais e se tornam centros de atração para municípios vizinhos.

A mobilidade pendular é uma característica marcante da dinâmica urbana de Montes Claros, especialmente no que diz respeito ao deslocamento de estudantes universitários de cidades vizinhas, como Francisco Sá, Bocaiúva, Capitão Enéas, Patis, Francisco Dumont, Pirapora e Grão Mogol. Essa mobilidade, que envolve deslocamentos regulares, seja diária ou intermitente, pode ser analisada a partir das discussões de autores como Rolnik e Klink (2011), que abordam as dinâmicas de políticas urbanas no Brasil, e de Rigotti e Campos (2009), que analisam os movimentos populacionais e suas implicações sociais. A mobilidade pendular não é apenas uma questão de transporte, mas um reflexo da centralização dos serviços e das oportunidades nas grandes cidades e seus polos regionais.

A presença de universidades em Montes Claros, como a Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), é um fator importante para a atração de estudantes da região, configurando um tipo de mobilidade que não se limita ao deslocamento físico, mas que envolve também o deslocamento social e cultural. Leite (2003) aponta que esse processo acentua as disparidades regionais, pois cria um círculo vicioso onde as cidades menores dependem das grandes cidades para sua formação educacional e crescimento econômico, mas ao mesmo tempo são marginalizadas nesse processo.

A mobilidade pendular não se limita ao deslocamento físico, mas envolve a construção de redes sociais, culturais e econômicas entre cidades, evidenciando a dependência das áreas periféricas em relação aos grandes centros para seu desenvolvimento, embora mantenham uma posição subalterna na estrutura urbana.

Nesse contexto, cidades de médio porte como Montes Claros desempenham um papel fundamental na integração regional ao mediar relações entre centros maiores e municípios menores, atuando como polos de serviços e infraestrutura (Villaça, 1998). Assim, a centralização dos serviços, a mobilidade pendular e as desigualdades socioespaciais configuram Montes Claros como um exemplo das dinâmicas urbanas brasileiras, marcadas por disparidades regionais e processos de exclusão, conforme discutido por Santos (2005), Leite (2003) e Lefebvre (2006), evidenciando como o espaço urbano é moldado pelas relações sociais e pelas tensões entre centralidade e periferia.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Para entender melhor essa mobilidade pendular diária, foram aplicados questionários aos acadêmicos da UNIMONTES que estudam no período noturno. As informações coletadas foram consolidadas e apresentadas no quadro 1, permitindo uma análise mais aprofundada sobre os padrões de deslocamento dos estudantes e suas origens geográficas.

Quadro 1 – Perfil dos Acadêmicos da UNIMONTES

CIDADE	GÊNERO	IDADE	RENDA (SM*)	CURSO REALIZADO
Mirabela	Masculino	Acima de 31 anos	2 a 3 SM	Biologia
Francisco Sá	Masculino	22 a 25 anos	< que 1 SM	História
Francisco Dumont	Feminino	22 a 25 anos	1 e ½ SM	Ciências Sociais
Francisco Dumont	Feminino	18 a 21 anos	< que 1 SM	Geografia
Francisco Sá	Masculino	18 a 21 anos	1 e ½ SM	Educação Física
Brasília de Minas	Feminino	18 a 21 anos	1 e ½ SM	Pedagogia
Francisco Sá	Feminino	18 a 21 anos	< que 1 SM	Pedagogia
Bocaiúva	Masculino	26 a 30 anos	1 e ½ SM	Filosofia
Francisco Sá	Feminino	18 a 21 anos	< que 1 SM	História
São Francisco	Feminino	18 a 21 anos	1 e ½ SM	Ciências Biológicas

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

*SM: Salário mínimo.

Os estudantes escolhem seus cursos por diversos motivos, incluindo interesse na área, boa empregabilidade e a oferta por universidades públicas. A maioria dos alunos opta por estudar em Montes Claros-MG, com 70% escolhendo essa cidade pela proximidade com sua origem. 30% deles afirmam ser apenas pela aprovação na universidade local pelo fato de *poder continuar residindo em minha cidade de origem e ainda assim conseguir fazer o curso superior*. Um dado importante é que cerca de 40% dos estudantes ingressaram por meio de cotas, e a maioria não recebe auxílio financeiro, o que torna o suporte da universidade essencial para cobrir custos como transporte.

A mobilidade pendular é uma realidade para muitos estudantes, especialmente aqueles de licenciatura, que enfrentam desafios diários em busca de uma melhor qualidade de vida. As distâncias percorridas variam bastante, impactando o tempo disponível para estudos e atividades extracurriculares. O cansaço físico e mental resultante desses deslocamentos afeta a concentração e o desempenho acadêmico, além de gerar despesas extras e impactos na saúde mental dos alunos.

Entre os estudantes que frequentam as aulas à noite, metade não trabalha, enquanto a outra metade está empregada em diversas ocupações. Apenas 20% dos alunos relatam não enfrentar dificuldades durante o deslocamento diurno, evidenciando os desafios que a maioria enfrenta em sua rotina acadêmica e profissional.

A maioria dos estudantes, no entanto, mencionam desafios como o cansaço, a distância percorrida, o tempo gasto, os perigos na estrada e o custo financeiro. Muitos desejam morar em Montes Claros-MG. Um estudante cita: [...] *seria um sonho! Melhorar a qualidade de vida [...]*. Por outro lado, outro estudante compartilhou que *"não tive uma experiência boa em Montes Claros"*.

Quanto à qualidade do transporte, os entrevistados apresentaram opiniões diversas: 20% consideraram péssima, 20% classificaram como mediana, 40% avaliaram como boa, e 20% como excelente. A maioria utiliza ônibus como meio de transporte, enquanto outros mencionaram vans e micro-ônibus.

Os motoristas que realizam o transporte de estudantes para diversas instituições de ensino, como FUNORTE, UNIMONTES, FIPMOC (Centro Universitário FIPMoc), UFMG e UNOPAR (Universidade Norte do Paraná), têm idades que variam entre 27 e 62 anos e apresentam diferentes níveis de experiência. A maioria dos estudantes transportados tem entre 18 e 25 anos. Estima-se que cerca de 20 ônibus realizam deslocamentos diários para Montes Claros-MG, sem contar micro-ônibus e vans, enfrentando desafios no trânsito, especialmente durante os horários de pico.

Em relação ao financiamento do transporte, a maioria das prefeituras oferece apoio financeiro, isentando ou reduzindo as mensalidades para os estudantes. No entanto, em algumas cidades, como Francisco Sá, Janaúba e Pirapora, os acadêmicos precisam arcar com os custos, que podem chegar a até R\$ 300,00 por mês. Essa situação gera uma disparidade no acesso ao transporte entre diferentes localidades.

A partir das informações coletadas dos alunos e motoristas, o quadro 2 apresenta as principais cidades de origem dos acadêmicos, a distância percorrida, a média de alunos em cada município e o número de veículos utilizados para o transporte. Esses dados são essenciais para entender melhor a dinâmica do transporte estudantil na região.

O quadro 2 fornece informações importantes sobre a mobilidade dos estudantes que se deslocam de diversas cidades para Montes Claros. As distâncias médias que esses alunos percorrem variam entre 50,8 quilômetros e 169,6 quilômetros, o que evidencia a extensão dos deslocamentos realizados diariamente. Além disso, a média de alunos transportados por cidade oscila entre 22 e 160, indicando um número considerável de estudantes que dependem desse transporte.

A quantidade de veículos necessários, como ônibus e micro-ônibus, é um reflexo da infraestrutura necessária para atender a essa demanda. Cidades como Francisco Sá e Bocaiúva, por exemplo, utilizam mais de um veículo, o que demonstra a complexidade logística envolvida no transporte dos alunos. Essa situação ressalta a importância de um planejamento adequado para garantir a mobilidade dos estudantes.

Quadro 2 – Mobilidade Pendular pela Educação em Montes Claros-MG

CIDADE	DISTÂNCIA (KM)	MÉDIA DE ALUNOS	VEÍCULOS (O E MO)*
Bocaiúva	48,1	150	2 O e 2 MO
Brasília de Minas	106	Não informado	1 O
Claro dos Poções	77,8	45	1 O
Francisco Dumont	115,5	45	1 O
Francisco Sá	50,8	117	2 O e 1 MO
Janaúba	135	52	1 O
Joaquim Felício	146,4	31	1 O
Lagoa dos Patos	105	30	1 O
Mirabela	66,7	80	3 O
Olhos D'Água	97,1	Não informado	1 O
Pirapora, Várzea da Palma Buritizeiro	169,6	50	1 O
Patis	100	22	1 MO
São Francisco	165	24	1 MO

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

***O:** ônibus/ **MO:** micro-ônibus.

Esses dados são cruciais para a análise das condições logísticas e estruturais que afetam a mobilidade dos estudantes. Compreender esses desafios é fundamental para a comunidade acadêmica, pois permite identificar áreas que necessitam de melhorias e soluções para facilitar o deslocamento dos alunos.

A partir de tal análise, a figura 1 indica os fluxos de algumas cidades de origem dos acadêmicos que realizam a mobilidade diária. O mapa representa as cidades de origem dos acadêmicos que se deslocam diariamente para Montes Claros. As linhas indicam a intensidade do fluxo, sendo Bocaiúva e Francisco Sá com os maiores fluxos.

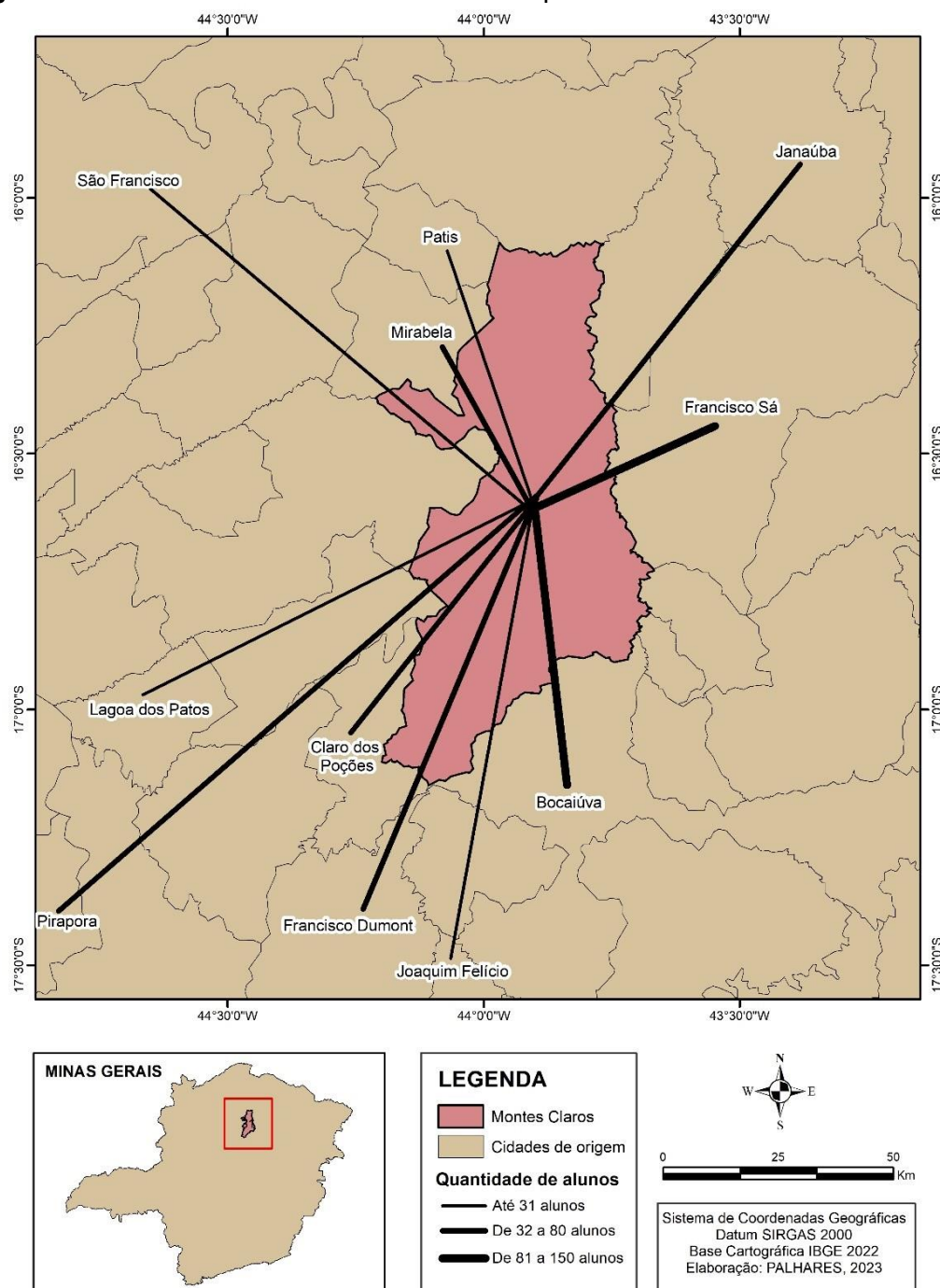
As entrevistas realizadas com oito estudantes da UFMG que fazem deslocamento pendular temporário revelam que a maioria dos participantes é do sexo feminino. A faixa etária dos estudantes varia entre 18 e 22 anos, e a maioria depende financeiramente de suas famílias, apresentando rendimentos que variam de um a dois salários mínimos.

Esses estudantes enfrentam o desafio de retornar às suas cidades de origem apenas durante as férias, devido à longa distância que os separa de Montes Claros-MG, onde estudam. Essa situação evidencia a dificuldade de conciliar os estudos com a vida familiar e as obrigações financeiras.

O quadro 3 que acompanha a pesquisa detalha as cidades, estados e as distâncias entre os municípios de origem dos estudantes e Montes Claros-MG, proporcionando uma visão mais clara sobre a realidade enfrentada por esses jovens durante sua trajetória acadêmica.

Os acadêmicos entrevistados optaram pelo curso de saúde por diversas razões, incluindo a afinidade com a área, a realização de um sonho antigo e a percepção de que é “a profissão mais bem remunerada na área da saúde”. Essa escolha reflete um desejo de se estabelecer em uma carreira que não apenas os motiva, mas também oferece boas perspectivas financeiras.

Figura 1 – Mobilidade Pendular de Estudantes para a Cidade de Montes Claros-MG



Fonte: IBGE (2023) e Dados da Pesquisa (2023).

A cidade de Montes Claros foi escolhida como local de estudo devido à facilidade de moradia, à proximidade com suas cidades de origem e à presença de familiares na região. Essa decisão demonstra a importância do suporte familiar e da acessibilidade na escolha do local de estudo, fatores que podem influenciar significativamente a experiência acadêmica. Todos os estudantes utilizam o Programa de Financiamento Estudantil (FIES) para custear suas mensalidades, que giram em torno de R\$ 11.600,00. É importante ressaltar que, por se tratar de uma instituição privada, não há auxílio financeiro adicional disponível, o que pode representar um desafio para os alunos em termos de gestão financeira durante o curso.

Quadro 3 – Perfil dos Acadêmicos de Medicina da FUNORTE

CIDADE E DISTÂNCIA	SEXO	IDADE	RENDA FINANCEIRA
Diamantina – 230 km	Masculino	18 a 21 anos	Não soube informar
São João da Ponte – 140 km	Feminino	26 a 30 anos	Não possui
São Francisco – 163 km	Feminino	22 a 25 anos	2 a 3 salários mínimos

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Os estudantes costumam retornar às suas cidades de origem durante as férias ou feriados prolongados. No entanto, uma estudante se destaca, pois viaja a cada 15 dias devido à saudade dos pais. Essa rotina de viagens revela a importância da família na vida dos estudantes. A avaliação da moradia pelos estudantes é bastante positiva, sendo considerada excelente. Essa percepção é interessante, pois muitos deles não moram sozinhos, o que pode influenciar na qualidade de vida. O número de moradores nas residências varia de duas a seis pessoas. Entre os moradores, muitos são familiares, o que sugere um ambiente de apoio e convivência. Esses detalhes ajudam a entender melhor as condições de vida e moradia dos estudantes, destacando a relevância das relações familiares em seu cotidiano.

Os estudantes enfrentam diversas dificuldades durante sua trajetória acadêmica, incluindo limitações financeiras, adversidades climáticas e altos custos de transporte. Além disso, a saudade da família é um fator que impacta o bem-estar emocional dos alunos, tornando a experiência ainda mais desafiadora.

A maioria dos estudantes não tem a intenção de permanecer em Montes Claros-MG após a conclusão do curso. Muitos preferem retornar às suas cidades natais ou buscar oportunidades em locais que valorizem mais suas profissões, como Belo Horizonte-MG. Essa busca por melhores condições de trabalho reflete a necessidade de um ambiente que reconheça e valorize suas habilidades.

Uma estudante expressou seu desejo de estar mais próxima da família afirmando: *quero ficar perto de pai e mãe*. Essa declaração evidencia a importância dos laços familiares e o impacto que a distância pode ter na vida dos estudantes, ressaltando a necessidade de apoio emocional durante a formação acadêmica.

A pesquisa revela uma relação significativa entre a escolha da instituição de ensino e o padrão de mobilidade dos estudantes. Os dados indicam que muitos alunos optam por universidades estaduais, especialmente aqueles que cursam à noite, o que sugere uma preferência por instituições localizadas próximas às suas cidades de origem.

A mobilidade pendular diária é uma característica marcante entre esses estudantes. Essa prática reflete a necessidade de facilitar os deslocamentos diários, permitindo que os alunos conciliem suas atividades acadêmicas com outras responsabilidades, como trabalho e vida familiar.

A mobilidade pendular temporária de curta duração é uma prática comum em instituições privadas, especialmente em cursos integrais, como o de medicina. Essa modalidade permite que os estudantes experimentem diferentes ambientes acadêmicos, mas geralmente por períodos limitados.

Por outro lado, a mobilidade pendular de média duração (quadro 4) é mais frequente em universidades federais. Nesses casos, os alunos enfrentam distâncias maiores em busca de uma educação que se alinhe com suas aspirações profissionais. Essa busca é motivada pela reputação acadêmica e pela qualidade dos cursos oferecidos.

Quadro 4 – Síntese dos movimentos pendulares em Montes Claros-MG

Mobilidade pendular	Frequência do movimento	Perfil social do estudante	Instituição
Curta duração	Diária	Média baixa	Estadual
Média duração	Quinzenal-mensal	Média alta	Privada
Longa duração	Semestral	Média	Federal

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Essas dinâmicas de mobilidade refletem as diferentes realidades e necessidades dos estudantes, que buscam não apenas uma formação de qualidade, mas também a oportunidade de se desenvolverem em contextos que atendam suas expectativas e objetivos profissionais.

A diversidade nas opções de mobilidade e tipos de instituições de ensino superior proporciona aos estudantes a flexibilidade necessária para adaptar suas escolhas educacionais de acordo com suas circunstâncias socioeconômicas e objetivos pessoais. Essa variedade é fundamental para que cada aluno encontre um caminho que se alinhe com suas necessidades e aspirações.

As instituições analisadas apresentam diferenças significativas em relação à infraestrutura, cursos oferecidos e perfis dos estudantes. Essas disparidades incluem aspectos como a rotina dos alunos, sua condição financeira e a modalidade de residência, o que influencia diretamente na experiência acadêmica de cada um.

Compreender essas particularidades é essencial para avaliar como cada instituição pode impactar a trajetória educacional dos estudantes. As diferenças nas condições oferecidas por cada instituição podem afetar não apenas o aprendizado, mas também o desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos ao longo de sua formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada em Montes Claros-MG oferece uma visão sobre a dinâmica educacional da região, evidenciando as variações nos padrões de mobilidade entre as instituições de ensino superior. Os estudantes, em busca de um diploma universitário, apresentam uma tendência de mobilidade pendular temporária, retornando frequentemente às suas cidades de origem durante feriados e férias.

A UNIMONTES se destaca na região, com um padrão de mobilidade pendular diária para alunos que cursam à noite, enquanto a UFMG atrai estudantes de diversas partes do país, contribuindo significativamente para a produção de conhecimento.

Os padrões de mobilidade observados nas instituições de ensino superior em Montes Claros-MG revelam diferenças marcantes. Na UNIMONTES, a mobilidade é predominantemente diária; na UFMG, é temporária e de média duração; e na FUNORTE, a mobilidade é temporária e de curta duração, com retornos mensais ou quinzenais. A escolha pela FUNORTE para o curso de Medicina é motivada por dois fatores principais: o processo seletivo exclusivo da instituição e a disponibilidade de financiamento estudantil por meio do FIES. A FUNORTE realiza vestibulares próprios para o curso de Medicina, permitindo à instituição selecionar candidatos alinhados ao seu perfil acadêmico e às exigências específicas do curso. Além disso, a oferta de financiamento estudantil através do FIES facilita o acesso de estudantes que necessitam de apoio financeiro, tornando o curso mais acessível a uma parcela maior da população. Essa combinação de seleção criteriosa e suporte financeiro reflete as necessidades específicas dos alunos e reforça o compromisso da FUNORTE com a formação de profissionais qualificados na área da saúde.

A análise ressalta a importância de desenvolver políticas educacionais que atendam às demandas de cada comunidade acadêmica, considerando tanto aspectos quantitativos quanto qualitativos das dinâmicas educacionais. Além disso, destaca-se a conexão entre o crescimento de novas instituições e o fortalecimento das já existentes, o que provoca mudanças nas hierarquias e redes urbanas regionais. Essa abordagem abrangente é fundamental para entender as interações complexas entre instituições de ensino, mobilidade populacional e a configuração regional.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Eduardo Fernandes. Instrumentos de coleta de dados em pesquisas educacionais. **Educativa**, Belo Horizonte, p. 1-5, out. 1998. Disponível em: www2.unifap.br/midias/files/2012/03/coleta_dados.pdf. Acesso em: 5 maio 2025.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.
- FRANÇA, Iara Soares de. **A cidade média e suas centralidades: o exemplo de Montes Claros no Norte de Minas Gerais**. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16226>. Acesso em: 5 maio 2025.
- FRANÇA, Iara Soares de; PEREIRA, Anete Marília; SOARES, Beatriz Ribeiro; MEDEIROS, Douglas Leite. Cidade média, polarização regional e setor de educação superior: estudo de Montes Claros, no norte de Minas Gerais. **Formação**, Presidente Prudente, v. 2, n. 16, p. 52-70, 2009. DOI: <https://doi.org/10.33081/formacao.v2i16.863>.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GUIDONI, Luana; BAHLS, João Pedro Wendler. O ensino superior do Brasil: desafios e impactos das políticas públicas. **Anais dos Seminários de Políticas Públicas e Interseccionalidades**, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 1-19, dez. 2024. Disponível em: <https://revistas.ceeinter.com.br/anaisseminariodepoliticaspública/article/view/1798>. Acesso em: 1 maio 2025.
- HARVEY, David. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- IBGE. **Censo demográfico 2022: população e domicílios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 1 maio 2025.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. São Paulo: Centauro, 2006.
- LEITE, Romana de Fátima Cordeiro. **Norte de Minas e Montes Claros: o significado do ensino superior na (re)configuração da rede urbana regional**. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_9ecfb78d351f364bf9d4f390429f8f60?Ing=en. Acesso em: 1 maio 2025.
- LOBO, Carlos Fernando Ferreira. Mobilidade pendular e a dispersão da população: evidências com base nos fluxos com destino às principais metrópoles brasileiras. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 26, n. 45, p. 285-298, jan. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/37039>. Acesso em: 1 maio 2023.
- LOBO, Carlos Fernando Ferreira; SILVA, Ralfo Edmundo Matos; CARVALHO, André Simplício. Mobilidade pendular e infraestrutura rodoviária nas microrregiões de Minas Gerais. **Espinhaço**, Diamantina, v. 5, n. 1, p. 3-10, jun. 2016. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.3958049>.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, mar. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>.
- RIGOTTI, José Irineu Rangel; CAMPOS, Jarvis. Movimentos populacionais e as cidades médias de Minas Gerais. *In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÕES*, 6., 2009, Belo

Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2009. p. 1-27.

ROLNIK, Raquel; KLINK, Jerson. Crescimento econômico e desenvolvimento urbano: por que nossas cidades continuam tão precárias?. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 89, p. 89-109, mar. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002011000100006>.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Edusp, 2005.

SOARES, Rafael Santiago; LOBO, Carlos Fernando Ferreira. Nível hierárquico e rede de influência dos centros regionais no interior do estado de Minas Gerais: uma proposta com base na oferta do ensino superior. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 21, n. 73, p. 53-69, mar. 2020. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/44163>. Acesso em: 1 maio 2023.

SOARES, Rafael Santiago; LOBO, Carlos Fernando Ferreira; MENESES, Isabela Lopes. Redes de pendularidade estudantil dos polos sub-regionais do interior de Minas Gerais.

GeoTextos, Salvador, v. 17, n. 1, p. 41-65, jul. 2021. DOI:

<https://doi.org/10.9771/geo.v17i1.42359>.

SCHNEIDER, Eduarda Maria; FUJII, Rosângela Araújo Xavier; CORAZZA, Maria Júlia.

Pesquisas quali-quantitativas: contribuições para a pesquisa em ensino de ciências.

Pesquisa Qualitativa, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 569-584, dez. 2017. Disponível em:

<https://editora.sepq.org.br/rpq/article/download/157/100>. Acesso em: 8 jan. 2024.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

Recebido: março de 2025.

Aceito: maio de 2025.